

Anno I

PARANÁ

CURITIBA, 13 DE MAIO 1889

Brasil

Nº 15

REDATOR.

Alfredo Piraja

DIRECTOR.

Carneiro Costa

GERENTE, Brailio Carretero  
ORGANIZADO PELO CLUBE DOS ESTUDANTES

POVO BRASILEIRO

À IMPRENSA ABOLICIONISTA

HOMENAGEM

da Dr.

MOÇÃO DE ESTUDIOSA



## 13 de Maio

Sexta feira da paixão é o epílogo das torturas, que, segundo a Bíblia, o Divino Mestre sofreu para remir a humanidade peccadora e para trazê-la ao belo caminho das crenças e da luz; — 13 de Maio é o prêmio concedido aos que muito trabalharam, e o prêmio da vida dos — há um anno — novos cidadãos, é a hostia consagrada pela actualidade aos martyres do céito, é a benção no abraço fraternal dados n'um povo robusto das sombras das florestas de seu paiz natal.

C. C.

## Duas datas glorificadas

Releendo pagina por pagina a história do Brazil notei n'ela duas datas salientes: a 1<sup>ª</sup> foi uma tentativa gloriosa e a 2<sup>ª</sup> a abolição do elemento servil feita pelo povo brasileiro e pela imprensa abolicionista. A primeira relembra o vulto sympathético de Tiradentes e a a segunda batalladores eminentes como o fato Boca-yuva, Serra, Araújo e alguns outros. A tentativa sublime de Tiradentes subiu ao patíbulo na pessoa de seu progenitor, a abolição da escravatura felizmente não teve a mesma sorte, pois não era como a primeira a supressão dos privilégios de uma rainha treslindada.

Aboliu-se o braço escravo que durante trezentos annos trabalhára, assim de sustentar os seus senhores com luxo e

dignidade, porém não aboliu-se a monarquia, a soberania de um rei que não é responsável pelos seus próprios actos. A abolição dos escravos não foi obra do gabinete 10 de Março e nem tão pouco da pseudo Redemptora, foi obra de um povo (não cuja veia corria o sangue do patriotismo).

Salve, pois o Povo Brasileiro, que é o verdadeiro gloriose.

Alfredo Pirajá

— C. —

## O grande dia

«Triste causa contra a qual se terá reunido todos quanto não têm interesse pessoal em sustentá-la...»

CONDORCIER.

Eu sinto-me feliz ao contemplar o povo brasileiro contrariado por um motivo tão justo e generoso como a emancipação dessa raça que há mais de tres séculos gemia no vergonhoso e hediondo capriamento, no opprobriado degeneração!

O dia mais glorioso de um paiz é aquele em que um povo de patriotas abraçasse definitivamente de jubilo e entusiasmo, unido pelo mesmo sentimento e meando o pendor nacional entoar hymnos de victoria, saudando-o com sinceridade! E pois o dia mais glorioso do Brazil é o dia 13 de Maio de 1888, dia em que essa raça infeliz, que fora condenada ao suprício aviltante e lento da escravitude, pôde enfim respirar livremente, e a mãe infelizada, mas nem por isso menos terna e menos filha, chorar de alegria estreitando sobre o seu o coração do filho, q' longos annos fora escravo e fôra causa.

A escravidão é a lenda dolorosa de tres séculos de horror, de fome, de infamia e de terror!

Miseria! Até os sentimentos e os affecções mais puros do coração humano ella vedava! Foi o despotá mais execrando e mais iniquo!...

No escravo a honra, o brio, o pudor e todos os outros sentimentos nobres erão julgados desobediencia e perversidade!

O escravo era o abjecto e era causa, e essa causa que nodava fundamentalmente o destino d'esta pátria abençoada já não existe finalmente!

Oh! Esta é a nossa mais legítima glória porque é a nossa maior felicidade! Exultemos pois brasileiros!

Eu julgo que a todos vos que pensais que sois bons não é possível a indiferença ante esta felicidade pátria, porque o vosso coração é susceptível sentindo os impulsos de jubilo patriótico ao menos aos impulsos do vosso jubilo egoístico!

Saiu, do vosso egoísmo porque todos vos que sois justos e que sois ternos de se juntarem certamente ver cessadas as lágrimas da mal escrava que lamentava a dura desgraça do filho estremecido!

Quanto a mim confesso que julgo-me feliz de contemplar a grande festa da redenção do escravo e que se tivesse a desgraça de morrer deixando ainda esses infelizes sob o jugo supplicador d'essa escravidão ignobil, morreria triste, com remorsos como si proprio fôra o causador de sua desgraça!

13 de Maio de 1889.

J. J. Santa Rita.

## Litteratura brasileira

Ponto de vista para o estudo da história literária do Brazil — 1.º Os traz factores e as exagerações parciais de Taine, 601.

Muller e Nizard — 2.º Todos nos exageramos o momento. Ação e reação — 3.º O verdadeiro método. A leão do sophism. Material de estudo. Classificação. Questões abertas. 4º O seculo XVI. Necessidade de limitar o assumpto — 5º O seculo. Leis físicas e mentais segundo Th. Büchle. Sua aplicação ao Brazil — 6º Nubilação do colono.

1 — É muito difícil na execução de qualquer trabalho de critica e principalmente em uma história literária, escapar as tendências do proprio temperamento. O critico de ordinario exagera uma das traz condições da arte, dando mais importância ou ao meio, ou a raça, ou ao momento. S. Reinach é, por exemplo, de opinião que a raça sobreleva em valor a todos os outros factores sem desconhecer as exagerações de Ott, Muller quanto à raça e as de Taine e Nizard quanto ao mais. É preciso convir, porém, que em todo esse processo não ha tanto uma ques-

## VARIEDADE

### A Mesa

lão de predileções como de necessidades de clareza; nem sempre se podendo dizer que seja isso o resultado do desconhecimento das leis correlativas aos factores que analizamos.

A importância de qualquer um d'elles depende, não só do ponto de vista em que houver collocado o historiador, como do público para quem escrever, do país sobre que dissertar e a especialidade a que se quizer cingir. Não há a menor dúvida que tratando-se de literatura geral, todos os factores aliudidos devem ser tratados em perfeito pé de igualdade.

Mas si, por exemplo, como Renan, pensarmos em trazar a história das línguas e literaturas semíticas, é manifesto que o facto de não se dar precedência à ethnologia motivaria grandes lacunas nesse trabalho, e, o que mais, o tornaria incapaz de sugerir novas ideias.

Era o que teria sucedido a Ott. Müller, quando estavam a corrente literária indo-europeia. O esquecimento do meio e do momento teria sido deplorabilíssimo, si o seu fim principal não fosse demonstrar a existência daquella corrente.

Taine, por seu lado, exagerando o meio, encontra a sua justificação na circunstância de se ter concentrado na história da literatura ingleza. Como é sabido as tendências de raça na Inglaterra estão muito em evidência; as linhas ethnológicas ali são nitidas demais para que o crítico se preocupe com elas. De resto, accentu o fundo communum, o seu ofício limitava-se a destacar a felicidade que os arianos insulares tomarão, depois de forçados a um gênero de vida particular, o que constitui o nervo da história ingleza, e explica tanto a sua política, em Cromwell, Pitt, Burke, como a sua literatura, as suas artes, em Chaucer, Shakespeare, Byron, Bumian, Swift, Sterne, Hogarth. Acresce a isto que o seu processo está explicado, e n'ele se acha compreendidas todas as forças que podem influir na formação da mentalidade de um povo.

No prefácio de um de seus livros o eminentíssimo crítico definio de modo positivo o método de que tem se servido para chegar a suas conclusões. «Em um grupo humano qualquer, diz elle, os individuos que atingem maior autoridade e mais extenso desenvolvimento são aquelles cujas aptidões e inclinações correspondem melhor ás do grupo.

(Segue)

Aranjo Junior.

(Segue)

De todos os móveis que nos enchem a casa, deve ser a mesa um dos mais queridos.

E no redor d'ella que se reúne a família; todos tem ali o seu lugar marcado. Naquelle canto está a cadeirinha do bebé, a cabeceira a da avó, ao lado a do pai, acosta a da mãe. Se um dia qualquer d'essas adoradas criaturas desaparece o seu lugar, mesmo vazio, está preenchido, belo paradoxo, porque por muito tempo é considerado como o lugar do papá ou da avosinha, da pequenina ou da mamã.

E a mesa que o burguez descansa, relatando à família os factos do seu trabalho dia, ouvindo os acontecimentos domésticos contados pela esposa e os do colégio pelos filhos.

Reúne-se então pensamentos, faz-se comunhão de ideias, troca-se confidencias, expõem-se pareceres, pois todos a mesma hora se juntão ao redor d'essas tablas, em que a lucrativa vida faz o alimento que seria ingratitudine comer sem alegria.

Acaso de lar n'ain livro de Lord Sytton que os antigos romanos costumavam pendurar sobre os mesas dos banquetes luxuosos dos seus festins uma rosa. Era um sinal, um aviso de discrepância — guardado intigo o que ouvires, significava. Trocavam-se pensamentos intimos, revelavam-se francamente os caracteres nas maiores expressões mas, sob rosa, isto é, em segredo.

Não creio que em tempos modernos, festins de igual gênero a prudência se recomenda a cada um, a não ser pela sua própria consciencia; mas seja como for, o certo é, que agora como então, os prazeres da mesa exercem o espírito a transbordar dos cérebros como o champagne das taças.

A mesa, cujo elogio faco, não é certamente essa, em que brilhão os chrysantes erguidos entre laiz, que lhes dão uns refrengueis reflexos iriacios, e de flores que desmanhão n'uma branda e suave cor de rosa. Não é da mesa de gala, de sandálias, de eufusismo momentâneos criados pelo favor dos vinhos finos, e em que se desenrola todo o magnetismo d'averbissimule espiritualmente elegante. Não é o elogio da mesa da nossa casa, da communum, d'aquelle em que todos os dias nos sentamos em família, intima e amigavelmente.

Pullemos à manjere.

Não está na quantidade, nem mesmo na variedade do menu, a atração para um almoço, por exemplo, está e principalmente no modo porque é disposto e servido.

Os louros pões a espreitarem pelas a-

berturas das barraquinhas feitas pelos guardanapos; os ramos de folhas exquisitas e brilhantes plantadas num vaso com figuras em relevo; a branca pirâmide de manteiga fresca, o pratinho de louças de Caldas cheio de azeitonas, este com rabinates, aquelle com salame; a garrafa de vinho e a água; o garfeteiro e as cadeiras em ordem canivela a vantade para as batatas, os bifás, os ovos, para a chavona de café, ou a de chá...

Ha uma forma sedutora de ser simples tendo bom gosto.

Imaginemos sempre um hospede inesperado, preparamo-nos sim, sem augmentarmos um prato sequer ao ordinário, mas tendo o, mesmo por isso, bem feito, agradável, bom. Por mais modesto que seja um jantar, elle, pode ser appetitoso.

A fumacinha azulada subindo em novellos penachos da singela sopeira de porcelana branca, para no ar um aroma tentador e convidativo; a salada feita pelas mãos de uma das senhoras da casa, as frutetas a mostrarem por entre a verdura das frustas as suas alegres cores, rubra e dourada; uns pratinhos variados, hervas... hervilhas... cenouras... um legume qualquer, em fio para exercitar o gosto para a carne, uma costeleta de carneiro ou oura couxa que a eosinose não tivesse trazido na vespa nem se lembrar de trazer no dia imediato... nimbarias entradas no orçamento das despesas diárias com boa tacita administrativa... uma sopa meia delicada, um café saboroso bebido em canecinha fina e com colher de prata.

Eis uma exigência expressiva, mas necessaria afinal. Ninguém nega a influencia que tem no sabor d'uma berenda o vaso que a contém.

O cui mais caprichosamente feito, perfumado forte, leixa de ter razão n'uma chicote grossa e sabe o seu qualificativo a definisso quando n'uma chaveta leve, transparente, que nos faça levar em conta de perda todo o preguiçoso prazer sentido e revelado pelas tão descriptas fidalguias chinezas, que envoitam nas suas largas roupas, de seda, com os pés em chinelas cobertas de arabescos, reclinadas indolentemente por detrás das biombos phantasticamente pintados, o sorvem saboreando a goles per queninos.

O vinhão! imagine bebedo em porcelana... é o mesmo que dizer: — comei o bom e frias gras em prato.

Os talheres?... dão um gosto especial à carne, à sopa, à fruta, ao doce, ao queijo, a tudo! Devem ser bem zelados, os talheres...

Não falta quem sustente ser a mesa a base da felicidade da vida do homem e esses confessão reconhecer em Briliat Savarin um sábio de bellas theorias e facil pratica...

O alimento influencia no carácter, affir-

